

Marco Antonio Andreacchio, *Medieval Teachers of Freedom*, New York: Routledge, 2023. ISBN: 978-1-132-52236-4. 124 pp.

A obra de Marco Antonio Andreacchio que aqui se apresenta é uma breve, mas profunda, recuperação do modo como o tópico do livre-arbítrio foi pensado na Idade Média, em particular na sua articulação interna com os temas afins da criação artística e da criação a partir do nada. O desiderato da obra é, como tal, estabelecer um diálogo entre dois horizontes de pensamento separados por vários séculos, mostrando como a recuperação da tradição clássica permite que as questões que afligem a contemporaneidade possam ser perspetivadas por um olhar renovado e criador de novas respostas e soluções.

A obra é constituída por vinte e cinco breves capítulos, antecedidos por um prefácio e por uma introdução que são dignos de idêntica menção. É possível perceber um tema aglutinador que perpassa pelos dez primeiros capítulos da obra, a saber, a defesa dos méritos de uma metafísica de viés platónico quando comparada com as suas alternativas antigas e contemporâneas. Esta tese implica a centralidade das *ideias*, ou seja, do conteúdo inteligível de cada ente como fator estruturador da própria realidade. Os restantes capítulos mostram o modo como esta conceção permite uma clarificação das noções de *criação* (divina e artística) e de *liberdade*.

Ao longo das páginas que constituem o livro, Andreacchio vai estabelecendo um diálogo profícuo com o pensamento de vários pensadores cujas vidas nos antecedem em vários séculos, mas dos quais felizmente a sua voz continua a ressoar no agora da contemporaneidade. De Platão a Gregory Doolan, passando por Aristóteles, Boécio, Pedro Lombardo, São Boaventura, Tomás de Aquino, Dante, Giambattista Vico, Gian Vincenzo Gravina e Pierre Duhem, o nosso autor tem ainda espaço e tempo para em tão breve obra ousar encetar um diálogo crítico com dois cientistas contemporâneos, a saber, Richard Dawkins e Lawrence Krauss.

Toda esta ampla galeria de autores serve de sustentáculo a um percurso interpretativo que leva Marco Antonio Andreacchio a tecer considerações tão fascinantes como aquela segundo a qual o pensamento medieval é incompreensível se não for abordado nos seus próprios termos, em particular se não for apreendido aquele que é o seu *leitmotiv* essencial, a saber, a criação divina (a partir do nada) e o modo como ela se reflete em lugar algum mais plenamente do que na produção (*poiesis*) literária. Esta conclusão, que surge ainda nas páginas iniciais da obra, permite desde logo ao leitor perspetivar o liame entre a criação (ôntica) e a produção artística que o texto procurará sustentar. Uma vez que a reflexão aqui desenvolvida ocorre sempre num horizonte platónico o nosso autor é levado pela própria coerência do seu modelo de pensamento a reconhecer que as ideias são aquilo que os entes particulares em última análise são, nomeadamente formas de inteligibilidade, e não obstáculos nominais que se interpõem entres nós e aqueles. Dado que numa ontologia platónica o domínio do ser é genuinamente constituído pelas ideias, pois são elas que constituem o domínio do ser verdadeiro por serem integralmente inteligíveis, então conclui Andreacchio que a plena perfetibilização da consciência é atingida no momento em que esta reconhece que os constituintes eternos da realidade são as ideias. Desta forma é na poesia que o Autor encontra a possibilidade de uma integridade que é

sinal nesta vida mortal de um tomar parte (i.e., uma participação) no eterno ou, por outras palavras para dizer o mesmo, é pela poesia que o eterno se faz presente e vivo no seio do temporal. Essa revelação sempre parcelar do eterno no temporal implica que a distinção entre criatura e criador não pode ser entendida como afirmando que estes são entes num sentido unívoco que ocupariam uma mesma região ontológica, mas reportando antes para uma *palavra viva* (i.e., um *logos*) através da qual e no seio da qual a criatura e o criador coincidem. Assim o modo como qualquer forma de distinção entre o criador e a criação pode ser reafirmada deverá ser objeto de reavaliação. Ora, é justamente a noção de *liberdade* que se torna o conceito-chave para compreender essa distinção: como Andreacchio afirma, o que é liberdade para nós é necessidade imutável para Deus. O pensamento de Pedro Lombardo serve para o nosso autor ilustrar perfeitamente o modo como as noções de liberdade que atuam no pensamento clássico (i.e., antigo e medieval) se distinguem das que estão presentes nas épocas moderna e contemporânea. Para Lombardo, ser livre é ser capaz de racionalmente poder optar pelo bem, mediante o auxílio da graça (divina). Desta forma, o livre-arbítrio depende da capacidade de ajuizar que, por sua vez, depende da atuação da graça. A pergunta que imediatamente se coloca diz respeito ao porquê da necessidade da influência da graça no processo da escolha de modo a que o *bem* possa ser livremente escolhido. Para lhe dar resposta o que deverá começar por ser percebido é que a graça não é mais do que a presença do ato intelectual mediante o qual a palavra (i.e., o *logos* ou a *ratio*) eterna se torna presente, permitindo que a liberdade se torne efetiva. Ser capaz de escolher aquilo que é bom é, consequentemente, a capacidade de perceber aquela que é a articulação lógica existente entre os entes, o que nos permite, naturalmente, escolher aquilo que é melhor. Desta forma, agir livremente é exercer a nossa natureza racional mediante um ato no qual a liberdade e a necessidade estão intrinsecamente unidas, tal como sucede na arte e na natureza. Aqui encontramos consubstanciada aquela que é a tese principal do texto, uma vez que nela a articulação da produção artística e da ontologia é manifestada na sua plena unidade, resultado alcançado mediante um intenso labor num pano de fundo de uma metafísica de claro pendor platónico.

Chegados ao fim da apresentação desta obra, podemos afirmar sem qualquer espécie de pejo que ela merece ser objeto de atenção por parte de qualquer interessado nos tópicos que ela aborda, em particular a criação e a liberdade, mas também todo aquele que se interessa pela história das ideias e pelo modo como a época moderna se confronta com esse outro momento histórico do qual ela é herdeira, ainda que não poucas vezes não tivesse qualquer reboço em dar mostras de uma profunda ingratidão. Da nossa parte, não temos qualquer dúvida em recomendar a sua leitura, apenas lamentando a dimensão reduzida da obra, o que faz com que a reflexão, aqui e ali, se encontre claramente sumarizada e (quase) interrompida.

*José Guilherme B. A. Sutil*

Doutorando

Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

jose\_guilherme@sapo.pt

DOI: [https://doi.org/10.14195/0872-0851\\_65\\_9](https://doi.org/10.14195/0872-0851_65_9)